

O Ensino de Sociologia e metodologia para seu ensino: uma entrevista com Cristiano das Neves Bodart

The Teaching of Sociology and Methodology for Its Teaching: an Interview with Cristiano das Neves Bodart

La Enseñanza de la Sociología y la Metodología para su Enseñanza: una Entrevista con Cristiano das Neves Bodart

Ana Clara Damásio¹

Orcid: 0000-0001-7426-7486

Resumo

Essa é uma entrevista exclusiva com o renomado professor Cristiano das Neves Bodart, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e docente na Universidade Federal de Alagoas. O professor Bodart é uma figura central no Ensino de Sociologia, destacando-se por sua atuação na formação de professores, seu papel na Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais e sua dedicação à pesquisa e publicações no campo das Ciências Sociais. Ele compartilha *insights* sobre inovações pedagógicas, como o uso de canções e fotografia no ensino de Sociologia e discute o futuro do campo, além de suas contribuições para a formação de professores e pesquisadores. A entrevista oferece uma oportunidade de aprender com um dos principais pesquisadores do Ensino de Sociologia no Brasil.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Metodologia, Ciências Sociais.

Abstract

This is an exclusive interview with the renowned professor Cristiano das Neves Bodart, Ph.D. in Sociology from USP and a faculty member at the Federal University of Alagoas. Professor Bodart is a central figure in the field of Sociology Education, distinguished for his role in teacher training, his involvement in the Brazilian Association of Social Sciences Education, and his dedication to research and publications in the field of Social Sciences. He shares insights into pedagogical innovations, such as the use of songs and photography in Sociology education, and discusses the future of the field, along with his contributions to teacher and researcher education. The interview provides an opportunity to learn from one of the leading researchers in Sociology Education in Brazil.

Keywords: Sociology Education, Methodology, Social Sciences.

Resumen

Esta es una entrevista exclusiva con el renombrado profesor Cristiano das Neves Bodart, Doctor en Sociología por la USP y docente en la Universidad Federal de Alagoas. El profesor Bodart es una figura central en la enseñanza de la Sociología, destacándose por su labor en la formación de profesores, su papel en la Asociación Brasileña de Enseñanza de Ciencias Sociales y su dedicación a la investigación y publicaciones en el campo de las Ciencias Sociales. Comparte perspicacias sobre innovaciones pedagógicas, como el uso de canciones y fotografía en la enseñanza de la Sociología, y discute el futuro del campo, así como sus contribuciones a la formación de profesores e investigadores. La entrevista ofrece una

¹ Ana Clara Damásio é doutoranda pelo PPGAS/UnB e membra do Grupo de Etnografia das circulações e dinâmicas migratórias - MÓBILE (CNPq/UnB) e do Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez (SOL/UnB). Tem interesse em temáticas que perpassam parentesco, migração, relações raciais e metodologia antropológica. **E-mail:** anaclarasousadamasio@gmail.com

oportunidad para aprender de uno de los principales investigadores en la enseñanza de la Sociología en Brasil.

Palabras clave: Enseñanza de la Sociología, Metodología, Ciencias Sociales.

É com grande satisfação que apresentamos uma entrevista exclusiva com o professor Cristiano das Neves Bodart, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente docente no Centro de Educação (Cedu) e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-ICS) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Bodart é uma figura basilar no campo do Ensino de Sociologia, inclusive quando os temas são as metodologias pedagógicas para a Sociologia escolar.

Com uma notável trajetória acadêmica e profissional, o professor Bodart foi coordenador do Setor de Ensino de Ciências Humanas e Sociais (ECHS) do Centro de Educação da Ufal de 2018 a 2023, onde atua na formação de professores de Sociologia. Além disso, sua atuação se estendeu para além das salas de aula, incluindo um importante papel na Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Abecs), onde exerceu, entre 2016 e 2022, funções de destaque, como gerente de comunicação e vice-presidente em dois mandatos.

Sua dedicação ao ensino e à pesquisa no campo das Ciências Sociais é evidenciada por sua ampla participação em projetos de pesquisas, publicações científicas e didáticas e em eventos acadêmicos da área. Ele é autor,

coautor e organizador de várias obras dedicadas ao ensino de Sociologia, Ciência Política e Antropologia, que contribuem significativamente para a formação de professores, de pesquisadores e para o aprimoramento do ensino das Ciências Sociais no Brasil.

Como palestrante e conferencista, o professor Bodart já compartilhou seu conhecimento em dezenas de universidades, abordando temas relacionados ao Ensino de Sociologia. Sua influência no campo é atestada pelas numerosas citações aos seus trabalhos em outros artigos e ementas de cursos de Ciências Sociais. Além disso, é fundador e editor do *Blog Café com Sociologia*², projeto que se desdobra em revista acadêmica, *Revista Café com Sociologia*³, em editora, *Editora Café com Sociologia*, e perfis nas redes sociais⁴.

Nesta entrevista, exploramos parte dos conhecimentos e perspectivas inovadoras do professor Cristiano Bodart em relação ao Ensino de Sociologia e às metodologias de ensino. Ele compartilha *insights* valiosos sobre as estratégias didáticas, como uso de canções e de fotografia no ensino de Sociologia, bem como suas visões sobre o futuro do campo. Além disso, discutimos algumas de suas

² Disponível em: <https://cafecomsociologia.com>

³ Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com>

⁴ Instagram, Facebook, YouTube e Threads, todos identificados no seguinte perfil: @cafecomsociologia

contribuições para a formação de professores e pesquisadores.

Esta é uma oportunidade de aprender com um dos pesquisadores mais influentes no campo do Ensino de Sociologia no Brasil. Um bom mergulho nas ideias e experiências inspiradoras do professor Cristiano Bodart!

[Ana Clara Damásio] Olá, professor Cristiano Bodart, seja muito bem-vindo! Conte-nos um pouco sobre você, sua trajetória como pesquisador e como o Ensino de Sociologia entrou no seu caminho.

[Cristiano Bodart] Olá, Ana Clara! Eu venho de uma família de origem humilde, ligada à classe trabalhadora. Meu pai, pescador artesanal, ainda exerce sua profissão, enquanto minha mãe passou a maior parte de sua vida trabalhando como empregada doméstica, sem o benefício de um contrato formal. Vivi a maior parte da minha vida entre o balneário chamado Iriri e a cidade vizinha, Piúma, uma cidade pequena localizada no litoral sul do Espírito Santo, com aproximadamente 15 mil habitantes. Concluí minha graduação em Licenciatura em Ciências Sociais em uma instituição mantida por religiosos Camilianos. O curso, de natureza laica, era oferecido no período noturno, o que possibilitou que eu o frequentasse, já que naquela época trabalhava durante o dia em uma serralheria. A faculdade ficava a aproximadamente 90 km de distância da minha residência, trajeto percorrido diariamente de ônibus. Depois fiz o mestrado no estado do Rio de Janeiro, cerca de 250 km de minha casa.

Foi somente durante o meu doutorado, na Universidade de São Paulo, que comecei a me dedicar, além da minha pesquisa sobre movimentos sociais, aos trabalhos relacionados ao ensino de Sociologia, o que me permitiu compreender de forma mais científica a minha prática docente. Minha jornada na escrita acadêmica sobre o ensino de Sociologia teve início em 2012, e no ano seguinte, em 2013, participei do meu primeiro evento científico dedicado a essa temática, o III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica (III Eneseb), realizado em Recife. Durante esse encontro, apresentei um trabalho que, posteriormente, foi publicado como um artigo em 2016. No mesmo ano, concluí meu doutorado e assumi o cargo de professor efetivo na Universidade de Alagoas (Ufal), onde me dediquei principalmente à formação de professores, especialmente na área de Ciências Sociais. Essa transição foi um ponto crucial que impulsionou meu interesse contínuo pelo ensino de Sociologia. Posso afirmar que assumi esse “lugar de pesquisador do ensino das Ciências Sociais” apenas partir de 2017, ao assumir a vaga de docente na Ufal voltada à formação de professores de Sociologia.

Minha trajetória como pesquisador do ensino das Ciências Sociais é relativamente recente, embora seja fundamentada em uma experiência docente que remonta a um período um pouco mais longo. Iniciei minha carreira como professor de Sociologia em 2008, quando a disciplina foi introduzida no ensino

médio na escola onde eu já lecionava Geografia, mas a minha experiência como educador já vinha desde 2001, quando lecionava outras disciplinas, nas quais, devido à minha formação em Ciências Sociais, sempre incorporava uma perspectiva sociológica ou mesmo textos de Sociologia.

Foi em 2009 que criei o *Blog Café com Sociologia* e comecei a buscar maneiras de conhecer e desenvolver estratégias didáticas para o ensino de Sociologia. Naquela época, ainda não havia livros didáticos de Sociologia distribuídos pelo Ministério da Educação por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o que só ocorreu em 2012. Portanto, muitas das estratégias didáticas que passei a aplicar em minhas aulas no ensino médio foram inspiradas por experiências do ensino de História e Geografia, que adaptei ao contexto da Sociologia. Acredito que essas duas disciplinas tenham sido o ponto de partida de muitos professores e professoras que as lecionavam antes de 2009 e passaram a ensinar a Sociologia. É uma questão a ser pesquisada.

Como mencionado anteriormente, a partir do final de 2016, meu foco de pesquisa e ensino direcionou-se para a área do ensino de Sociologia. Nesse mesmo ano, estreitei meus laços com a Associação Nacional do Ensino de Ciências Sociais (Abecs), e o ano subsequente, comecei a atuar como docente em Programas de Pós-graduação em Sociologia (PPGS-Ufal), onde iniciei minhas pesquisas e orientações acadêmicas relacionadas a esse

campo. No PPGS-Ufal oriento pesquisas sobre o ensino de Sociologia, inclusive em 2022 ofereci uma disciplina especial sobre “O ensino das Ciências Sociais no Brasil”, e possivelmente esta pode ter sido a primeira vez que uma disciplina abordando esse tema tenha sido ofertada em um mestrado acadêmico.

É relevante notar que minha incursão no subcampo de pesquisa relacionado ao ensino de Sociologia tem suas raízes em minha experiência como educador na educação básica. Em parte, talvez isso ajude a entender meu interesse em desenvolver metodologias e estratégias didáticas voltadas para o ensino de Sociologia. É importante ressaltar que essa abordagem é atípica dentro da Sociologia, já que historicamente a comunidade acadêmica da Sociologia brasileira tem se mantido distante do tema Educação e, em especial, demonstrado pouca disposição para empreender esforços propositivos voltados ao ensino das Ciências Sociais. Nas Ciências Sociais é mais comum a busca por explicações de fenômenos já ocorridos, havendo uma produção limitada de abordagens propositivas, especialmente no contexto da Educação.

[Ana Clara Damásio] Em sua trajetória como pesquisador e educador, quais foram os momentos ou experiências que mais o influenciaram no desenvolvimento de sua abordagem no Ensino de Sociologia e no seu interesse sobre metodologias de ensino?

[Cristiano Bodart] Acredito que minha experiência como professor na educação

básica tenha desempenhado um papel fundamental para duas coisas: primeiro, na minha compreensão das dificuldades reais que os educadores enfrentam ao preparar e conduzir suas aulas; segundo, na empatia que essa experiência gerou, posição facilitada por ter compartilhado essas mesmas dificuldades. Tenho a convicção de que, sem minha vivência como educador na educação básica, seria consideravelmente mais difícil compreender as dinâmicas das salas de aula e as práticas pedagógicas voltadas às Ciências Sociais nesse nível de ensino.

Naturalmente, minha posição na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), onde supervisiono estágios docentes, também me proporciona condições de observar diferentes realidades cotidianas nas escolas. Esse aspecto orienta minhas reflexões e produções, especialmente quando se trata de materiais direcionados aos professores. Isso inclui a coleção que organizei, *Conceitos e Categorias Fundamentais para o Ensino de Ciências Sociais*, e os livros que escrevi, como *Usos de Canções no Ensino de Sociologia*, *Usos da Fotografia no Ensino de Sociologia* e o livro didático *Ciência Política para o Ensino Médio*, este produzido em coautoria com César Alessandro Sagrillo Figueiredo.

Uma estratégia que tem se mostrado muito proveitosa para mim é a prática de integrar minha experiência como professor às experiências de regência dos estudantes da licenciatura e dos docentes das escolas que

supervisiono durante a prática de estágio. Ao compreender as dificuldades enfrentadas e ao conhecer experiências bem-sucedidas, busco conceber novas perspectivas para o ensino de Sociologia. Além disso, considero importante analisar as dificuldades e os avanços que o campo e o subcampo de pesquisa do ensino de Sociologia têm experimentado. Acredito que o chão de sala alimenta as reflexões acadêmicas e estas auxiliam, ou deveriam auxiliar, as práticas docentes.

Um aspecto que merece destaque, e que norteia parte dos meus esforços, é a observação de que muitos professores e professoras, ao ministrarem aulas de Sociologia, frequentemente negligenciam suas características específicas, transformando a aula em algo que não se assemelha à Sociologia escolar. Tenho observado que, em diversas ocasiões, o que deveria ser uma aula de Sociologia acaba se convertendo em aula de História, Geografia, Filosofia e, em alguns casos, até mesmo em uma abordagem puramente baseada no senso comum. Isso tem me levado a refletir sobre as particularidades do ensino de Sociologia e a desenvolver estratégias didáticas que visam assegurar um tratamento condizente com as Ciências Sociais. Aqueles que examinarem meus livros sobre o uso de músicas e de fotografias perceberão essa preocupação em evidência.

[Ana Clara Damásio] Como você enxerga a importância do uso de diferentes dispositivos, como canções e fotografia, no

Ensino de Sociologia? Quais benefícios esses recursos podem trazer para os alunos, professores e para o campo da Sociologia em si?

[Cristiano Bodart] Os usos de estratégias e de recursos didáticos facilita a transposição didática, a comunicação e pode promover o maior engajamento dos estudantes na prática de ensino-aprendizagem. Nesse processo, intencionalidade educativa deve ser o objetivo da aula e não o recurso ou a estratégia adotada, pois não podemos confundir “veículo” com o “destino”. Os recursos e as estratégias são meios e não fins, devendo, assim, ser percebidos e tratados pelos docentes. De pouco, ou nada, adianta aulas “legais” sem que o estudante acesse um novo conhecimento escolar, e por outro lado, aulas “chatas” podem não motivar estudantes a participar das aulas, conseqüentemente, a não aprender.

Estratégias e recursos didáticos são importantes, mas não devem ser os objetivos últimos da experiência escolar. Isso significa dizer que ao elaborar um plano de aula o docente deve primeiro definir os objetivos e só depois avaliar qual recurso ou estratégia didática será utilizado. Ou seja, definir “o quê ensinar” precede “como ensinar”. Não me parece ser um caminho promissor, do ponto de vista escolar, definir que a aula seguinte será com uso de um determinado recurso, tal como uma música, jogo ou filme, sem antes definir a intencionalidade educativa. Nesse caso, seria como “colocar a carroça na frente dos bois”.

Além disso, é importante que haja uma vigilância epistemológica para que a aula tenha uma abordagem típica da Sociologia escolar. Ao usar uma música crítica à ditadura civil-militar, por exemplo, devemos ter cuidado para não dar uma aula de História, já que nossa preocupação deve ser em realizar uma abordagem “figuracional” do tema. Gosto de usar esse conceito de Norbert Elias por sintetizar um conjunto de preocupações consensuais nas Ciências Sociais e que, ao meu juízo, devem orientar os docentes de Sociologia: as relações de interdependências entre os indivíduos, as relações de poder, a história sob perspectiva dialética e as relações entre estruturas e agencia. Nesse sentido, o professor deve buscar auxiliar na promoção, entre os estudantes, de uma percepção figuracional da realidade social. Ao planejar suas aulas deve se perguntar qual estratégia ou recurso potencializa e facilita essa promoção.

É sob esses cuidados que vamos “extrair” dos recursos e das estratégias didáticas apoio ao ensino de Sociologia, podendo ser facilitadores da comunicação entre docente e estudantes e colaborar para o envolvimento de seus corpos e mentes nas aulas. É importante ter cuidado na seleção dos meios para não gerar o efeito contrário. Antes de utilizar qualquer recurso, especialmente quando não comumente utilizado, esclarecer aos estudantes o propósito de seu uso e quais os objetivos educativos estão definidos, o que auxilia no engajamento durante a mobilização do

recurso, mesmo quando “estranho” aos estudantes. Por exemplo, usar canções com estéticas diversas ao gosto dos estudantes sem os conscientizar dos motivos da escolha da música, certamente não provocará o engajamento discente na aula.

Os recursos e as estratégias didáticas podem tornar a aula mais dinâmica, desde que não se repita por muitas vezes ou se estenda por muito tempo. O ideal é que haja uma variação nos usos e nos momentos das aulas, e quando eu falo em “variar usos”, não significa, necessariamente, em ter acesso a variados recursos. Claro que seria ótimo ter diversos recursos didáticos à disposição dos professores, mas infelizmente a regra é a escassez. Me refiro a aplicar estratégias diferentes, às vezes usando o mesmo recurso, por exemplo, é possível utilizar o livro didático para realizar atividade de leitura imagética, produzir charges, leitura compartilhada, elaborar paródias, leitura individual seguida de atividades, produção de criptogramas, análise de discursos etc. Veja que o recurso, o livro, será o mesmo, mas a estratégia adotada apresentará variações.

Além de dinamizar a aula, os usos de recursos e as estratégias didáticas as tornam menos rotineiras ao professor, o que impacta sobre sua saúde mental e física. Outro aspecto relevante que gosto de repetir junto dos estudantes é o fato de que uma aula atrativa gera empatia entre discente e docente, o que impacta diretamente na qualidade do trabalho e de vida, já que o professor passa grande parte

de seu dia nas salas de aula e em contato com os estudantes. O reconhecimento, por parte do corpo discente, de que as aulas são boas, reflete diretamente no bem-estar de todos. Aos professores sempre digo: invistam em suas aulas e em sua formação, pois isso tornará suas vidas melhores.

[Ana Clara Damásio] Em sua opinião, como esses recursos metodológicos podem ser aplicados de forma eficaz no Ensino de Sociologia em níveis diferentes, desde graduandos até pós-graduandos e professores experientes?

[Cristiano Bodart] Os recursos didáticos e as estratégias podem ser adaptados para qualquer nível de ensino, o que dependerá do conhecimento didático do professor. Para melhor responder o que me pergunta, julgo importante conceituar, ainda que brevemente, “artefatos culturais”, “recursos pedagógicos”, “recursos didáticos” e “estratégias didáticas”. Ter clareza das diferenças conceituais entre eles já ajuda bastante na busca por potencializar seus usos.

Os “artefatos culturais” são objetos (e representações simbólicas) produzidos pelo ser humano, a partir de sua capacidade de transformar inventivamente a natureza. Aqui se encontra a mesa, o quadro negro, o projetor, o sapato, o pincel, o giz, o lápis, o documento de identidade, entre outros. Trata-se de uma categoria ampla que envolve inclusive os “recursos pedagógicos” e os “recursos didáticos”. Já os “recursos pedagógicos” são artefatos criados com a finalidade de ensinar

alguma coisa, tais como campanhas publicitárias, histórias infantis, livros de etiquetas, entre outros. Por sua vez, o “recurso didático” é um tipo de “recurso pedagógico”, porém produzido com a intencionalidade pedagógica voltada a um público específico e à educação formal (escolar ou universitária). Geralmente um “recurso pedagógico” é produzido com o objetivo de atender a uma disciplina e a uma etapa escolar específicas. Um “recurso didático” é um tipo de “recurso pedagógico”, mas nem todo o “recurso pedagógico” é um “recurso didático”, pois não é voltado, em sua intencionalidade original, à educação formal. A estratégia didática” é a ação docente que, utilizando de artefatos culturais, recursos pedagógicos ou didáticos, visa uma intencionalidade educativa formal. O exemplo mais conhecido são os livros didáticos, as apostilas didáticas e os jogos didáticos.

Entendendo esses conceitos, o professor estará atento aos seguintes aspectos: (a) quase tudo é passível de ser utilizado na aula como meio de alcançar seus objetivos educativos; (b) é possível usar nas aulas artefatos produzidos sem fins educativos; e (c) um recurso didático pode ser usado a partir de estratégias didáticas variadas. Para deixar mais claro, darei exemplos: a canção “O carimbador maluco” (1983), de Raul Seixas, não foi produzida para ensinar Sociologia aos estudantes do ensino médio, contudo, podemos utilizá-la a partir de uma certa estratégia didática para ensinar o fenômeno da burocracia a

partir de Max Weber. A campanha nacionalista dos anos de 1930 não foi elaborada para ser um recurso didático, mas pode ser apropriada pelo professor de Sociologia para explicar conceitos como ideologia, integralismo e nacionalismo. No primeiro exemplo temos um “artefato cultural”, e no segundo, um “recurso pedagógico”. Embora um “recurso didático” tenha sido produzido para uma determinada disciplina, série ou faixa etária, ele pode ser apropriado pelo professor de formas variadas e ser utilizado de maneiras diferentes daquelas pensadas por seu produtor.

Darei um exemplo de uma experiência recente: estava ensinando a estudantes de graduação os conceitos de “lugar de fala”, “arbitrariedade cultural” e “ideologia”, e para isso utilizei livros didáticos do ensino fundamental I. Os referidos livros foram considerados “artefatos culturais” e seus discursos em torno das comunidades indígenas, dos negros, das mulheres e outras minorias foram examinados. Um livro didático, embora seja um recurso didático, pode ser utilizado de várias formas, como exemplifiquei anteriormente. Note que a compreensão dos conceitos mencionados amplia as possibilidades para as aulas. Lembro-me de uma ocasião em que utilizei o projetor, com sua técnica de reverter a posição das imagens, para explicar o conceito marxiano de ideologia como “imagens projetadas de ponta-cabeça”, e até mesmo um simples documento de identidade pode ser um

artefato usado para iniciar uma discussão sobre as noções de identidade, por exemplo.

Os recursos, portanto, podem ser adaptados, ou mesmo ressignificados, de variadas formas para atender a diferentes contextos educativos. Para isso, o professor deve buscar, ao longo de seu processo formativo (que não se limita aos bancos das universidades), adquirir conhecimentos didático-pedagógicos e ampliar seu repertório didático.

[Ana Clara Damásio] Você poderia compartilhar algumas experiências específicas ou exemplos de como você aplicou com sucesso o uso de canções e fotografia no Ensino de Sociologia em sala de aula?

[Cristiano Bodart] Meus dois livros, *Usos de Canções no Ensino de Sociologia*, de 2022, e *Usos da Fotografia no Ensino de Sociologia*, de 2023, são obras que se baseiam nas minhas experiências como professor de Sociologia na educação básica, revisitadas à luz dos conhecimentos teórico-metodológicos acumulados posteriormente. Acredito que os usos com melhores resultados têm alguns aspectos comuns: (a) planejamento da aula, que envolve a cuidadosa consideração do uso do recurso ou da estratégia didática; (b) conhecimento do contexto de produção, consumo e circulação do recurso a ser utilizado; (c) clareza na comunicação aos estudantes dos objetivos do uso do recurso na aula; e (d) busca por garantir que a aula fosse marcada pelas especificidades das Ciências Sociais, conforme a perspectiva figuracional anteriormente

mencionada. As aulas que incorporaram esses quatro aspectos foram as mais bem-sucedidas. E embora eu pudesse citar várias experiências aqui, acredito que não repetir esses exemplos seja uma maneira de convidar os interessados no tema a lerem esses dois livros.

Para não deixar completamente de responder à pergunta, menciono uma experiência com o uso de canções que não está em um dos referidos livros. Eu estava prestes a trabalhar com estudantes do primeiro ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre o tema “interações sociais”. Meu objetivo era fazer com que eles entendessem os impactos dessas interações ou a ausência delas nas estruturas sociais que construímos e reconstruímos ao longo de nossas vidas. Para isso, utilizei a canção *A lista* (2001), de Oswaldo Montenegro. Ouvimos coletivamente a música duas vezes, acompanhando a letra. Em seguida, solicitei que eles respondessem às orientações da canção: fizessem uma lista dos grandes amigos que mais viam há 10 anos atrás e apontassem quantos deles já não veem mais e fizessem uma lista dos sonhos que tinham e quantos desistiram de sonhar, e assim por diante. Após concluírem essa atividade, realizamos uma roda de conversa, na qual os alunos compartilharam suas respostas, enquanto eu os estimulava a pensar sobre como as interações que tínhamos determinavam, em grande medida, suas vidas, assim como as mudanças nas interações influenciaram reconfigurações em suas atuais perspectivas, ações e

crenças. Posteriormente, lemos um pequeno texto, do qual não me recordo mais o autor, que explicava como nossas interações sociais afetam a forma como organizamos nossas vidas. Observe que a atividade é bem simples.

Eu poderia ter partido diretamente para a leitura do texto final ou explicado o conteúdo por meio de uma aula expositiva, porém, a canção gerou engajamento dos estudantes, e acredito que a aprendizagem tenha sido mais significativa para eles. Alguns aspectos dessa experiência merecem ser destacados: (a) a música escolhida dialogava com o tipo estético que os estudantes costumavam ouvir; (b) a aula permitiu a participação ativa, não exigindo conhecimentos escolares para o engajamento discente; (c) a aula partiu dos saberes dos estudantes em direção aos conhecimentos sociológicos; e (d) o saber sociológico se mostrou útil para suas vidas cotidianas na medida que puderam observar que a Sociologia nos ajuda a entendermos as figurações sociais que nos envolvem. Creio que o êxito dessa aula se explica por esses quatro aspectos.

Uma experiência bem-sucedida com usos da fotografia que não trago no livro *Usos da fotografia no ensino de Sociologia* aconteceu fora de sala de aula. Uma professora de Biologia organizou uma visita a um zoológico e precisava de apoio de outros professores para acompanhar o corpo discente do terceiro ano do ensino médio, e foi-me solicitado que auxiliasse. Resolvi aproveitar o momento para ensinar e reforçar alguns

saberes sociológicos adquiridos. Em sala de aula, revisei alguns conceitos básicos relacionados às interações sociais (linguagem, signos, socialização, papéis sociais, redes sociais, normas, conflitos, normalidade e desvio social, comunicação, etc.) e expliquei as atividades que deveriam realizar. Pedi que os estudantes fizessem a observação das interações entre as pessoas e os animais bem como entre os animais, registrando em fotografias e anotações o que julgassem ajudar a explicar as diferenças e semelhanças das interações, bem como os conceitos revistos na aula. Pedi que cada estudante selecionasse três fotografias mais emblemáticas e preparasse uma pequena explicação visando atender o que foi pedido. As fotografias foram enviadas para uma pasta virtual a ser utilizada na aula. Após a visita ao zoológico, na aula de Sociologia, com o auxílio do projetor, cada estudante apresentou as suas três fotografias explicando o que havia observado e relacionado aos conteúdos da aula. Apareceram diversas fotografias bem elucidativas e notei que os registros fotográficos os deixaram mais à vontade para realizar suas explicações e foi possível avaliar, por meio do olhar fotográfico associado à explicação, se os estudantes estavam conseguindo observar na realidade concreta conceitos que muitas vezes têm um caráter abstrato e de difícil compreensão.

[Ana Clara Damásio] Além dos positivos mencionados, existem outras estratégias ou ferramentas que você considera

valiosas para enriquecer o Ensino de Sociologia? Se sim, quais são elas?

[Cristiano Bodart] Como mencionei, se tivermos clareza de que quase todos os artefatos culturais são passíveis de serem utilizados como meios no processo de ensino-aprendizagem, ampliaremos substancialmente as possibilidades de aulas diferentes e atrativas. Posso citar artefatos mais óbvios, tais como *podcast*, filmes e jogos, até aqueles que são quase sempre ignorados pelos professores, tais como a roupa, as carteiras, os instrumentos de trabalho, os documentos históricos e as brincadeiras de crianças, entre outros. Para ficarmos em algumas exemplificações, pensamos nas roupas ou mesmo nos uniformes dos estudantes, que podem ser ponto de partida para uma discussão sobre identidade, por exemplo; as carteiras podem ser utilizadas para discutir estruturas e controle social; os instrumentos de trabalho podem ser uma forma de explorar as relações entre tecnologias, remuneração, educação e *status* sociais; os documentos históricos podem ser utilizados nas aulas para ensinar como os sociólogos (e outros pesquisadores) analisam esses artefatos e produzem conhecimento; as brincadeiras de crianças podem ser exploradas a partir das regiões brasileiras, explorando as suas diferentes origens e como elas se inserem na estrutura social. Muitas brincadeiras são ritos importantes para a introdução à vida adulta ou mesmo para reforçar a história do grupo social.

As possibilidades de utilização de artefatos culturais, recursos pedagógicos e didáticos dependerão do repertório didático do professor, por isso considero muito importante que os docentes busquem conhecer o maior número possível de experiências didáticas. Nesse contexto, reforço o convite para que leiam meus dois livros, assim como muitos outros que diversos colegas vêm publicando nos últimos anos. Nessa direção, recomendo o livro organizado por Rafaela Reis Azevedo (UFJF) e Thiago de Jesus Esteves (CEFET-Rio), intitulado *Metodologias Ativas de Aprendizagem no Ensino de Sociologia* (2022), o livro *Partilhas sociológicas* (2022), organizado por Selton Evaristo de Almeida Chagas, Henrique Alves Fernandes Neto, Rafaela Almeida de Souza e Bruno Gabriel Palmeira da Costa Paniago, e o livro que organizei com Fabio Monteiro de Moraes e Caio dos Santos Tavares, intitulado *Música e Sociologia* (2022).

[Ana Clara Damásio] Como você vê o futuro do Ensino de Sociologia e as inovações que podem surgir em termos de abordagens metodológicas e recursos de ensino? Há alguma tendência ou área de pesquisa que você acredita que se tornará particularmente relevante?

[Cristiano Bodart] Apesar dos recorrentes ataques à Sociologia escolar e das ameaças constantes à manutenção de sua presença no ensino médio, acredito que essa disciplina tende a se consolidar cada vez

mais. Isso se dá pela sua contribuição aos aspectos progressistas que ainda aparecem no projeto educacional brasileiro e pela expansão da comunidade acadêmica e escolar que gravita em torno dela, o que podemos chamar de campo do ensino de Sociologia. Além dos professores que estão no chão da escola, há uma comunidade acadêmica que milita por sua manutenção e qualificação, essa comunidade vem se estruturando e se consolidando de modo que hoje temos uma entidade voltada exclusivamente para o ensino das Ciências Sociais. Refiro-me à Associação Brasileira do Ensino de Ciências Sociais (Abecs). Há três revistas especializadas no tema, além da *Revista Café com Sociologia*, que é bastante receptiva ao ensino das Ciências Sociais, tenho me dedicado a compreender a expansão do subcampo de pesquisa do ensino de Sociologia e tenho observado uma ampliação do interesse de muitos pesquisadores pelo tema do ensino das Ciências Sociais, o que se reflete no volume de artigos publicados, teses e dissertações defendidas, dossiês organizados, livros e livros coletâneas publicados, eventos especializados e grupos de pesquisas e laboratórios. Outras entidades vêm se ocupando do tema, como a Sociedade Brasileira de Sociologia e, mais recentemente, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs),

que têm aberto importantes espaços em seus eventos. O fortalecimento de uma comunidade acadêmica acaba sendo uma retaguarda importante para a manutenção e qualificação do ensino de Sociologia na educação básica.

Ao mesmo tempo que essa comunidade acadêmica se mostra importante para a Sociologia escolar, a manutenção desta no currículo estimula o fortalecimento e ampliação dessa comunidade. Pesquisas desenvolvidas por mim, por Marcelo Cigales (UnB), Amurabi Oliveira (UFSC), Anita Handfas (UFRJ) e outros pesquisadores apontaram a forte relação entre a presença da Sociologia no ensino médio e a ampliação da produção acadêmica sobre o tema. Da mesma forma, não podemos ignorar que essa produção acadêmica vem orientando as práticas docentes.

É nesse contexto que entra sua segunda questão: “quais as inovações que podem surgir em termos de abordagens metodológicas e recursos de ensino?”. À medida em que há essa retroalimentação, os avanços das pesquisas tendem a refletir em avanços curriculares e na prática docente em Sociologia. É por isso que julgo importante que os pesquisadores do tema se dediquem também a trabalhos propositivos voltados ao chão da escola, assim como busquem conhecer o que já vem sendo praticado com êxito, afinal, pensar o ensino das Ciências Sociais confinados em gabinetes me parece pouco produtivo. Outro aspecto importante na prática dos pesquisadores refere-se a superar a postura distanciada, na

qual professores e estudantes da educação básica são apenas objetos a serem ensinados. Escrevi sobre esse desafio nos Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs), onde destaquei a importância de tornar esses agentes parte ativa na produção do conhecimento, o que ocorrerá apenas a partir de uma postura que busca a dialogicidade. Se assim conduzirmos as agendas de pesquisas, tenderemos a potencializar os usos de artefatos culturais, recursos pedagógicos e didáticos no ensino de Sociologia.

Quanto à tendência ou à área de pesquisa que se torna particularmente relevante, posso afirmar que o subcampo do ensino de Sociologia, em geral, já apresenta uma importante relevância social. Certamente, a prática de ensino de Sociologia ganhou muito com as expansões das pesquisas sobre o tema. Os estudantes das licenciaturas em Ciências Sociais têm hoje uma ampla bibliografia para auxiliar suas formações especializadas, o que resulta em qualificação docente. Em se tratando de recortes dentro do subcampo de pesquisa do ensino de Sociologia, acredito que os temas se tornam “quentes” de acordo com a conjuntura e os acontecimentos que se desdobram. Em uma das pesquisas que realizei em parceria com Marcelo Cigales (UnB), constatamos essa mudança, pois dentre as primeiras dissertações e teses de mestrado defendidas sobre o ensino de Sociologia, o tema mais recorrente era a história do ensino da Sociologia e sua tentativa de

institucionalização, o que se relacionava ao contexto de necessidade de reafirmar a importância da Sociologia. Depois de reintroduzida no currículo, parte das discussões girava ao redor da preocupação do que ensinar. Nos últimos anos, o “como ensinar” ganhou relevância, e, atualmente, em grande medida influenciado pela Reforma do Ensino Médio de 2017, há uma discussão forte em torno do currículo de Sociologia e sua importância.

[Ana Clara Damásio] Para encerrarmos, que conselhos você daria a estudantes de Sociologia, professores e pesquisadores que desejam explorar e aprimorar suas abordagens metodológicas no ensino da disciplina?

[Cristiano Bodart] Aos estudantes das licenciaturas em Ciências Sociais costumo dar dois conselhos: a) aproveitem o estágio supervisionado para colocar à prova os saberes didático-pedagógicos, curriculares e disciplinares adquiridos ao longo do curso. Os saberes experienciais só se desenvolvem com a prática em sala de aula e o estágio é um momento privilegiado para isso, pois têm a supervisão de um professor que, provavelmente, é mais experiente. No estágio, experimentem variadas abordagens metodológicas, mas nem todas servem para todos os estudantes e nem mesmo para todos os professores. A experimentação é uma prática para “se encontrar” enquanto professor e encontrar os estudantes que estão dentro de cada jovem. Muitas vezes, errarão e se sentirão frustrados, mas aprendam com a experiência. Com o tempo, acertarão mais do que errarão; e b) Não

valorizem mais os saberes disciplinares, desprezando os saberes didático-pedagógicos, e nem o inverso. Um graduado em Ciências Sociais, por mais que domine os conhecimentos das Ciências Sociais, não será um bom professor sem possuir saberes didático-pedagógicos. Também não é possível ser um bom professor sem conhecer os saberes típicos das Ciências Sociais. Ambos os saberes conformam um bom docente.

Aos professores, sempre indico que estejam atentos às produções acadêmicas, especialmente aquelas propositivas e que invistam na qualificação de suas aulas, já que boas aulas refletem, como já mencionado, na qualidade do trabalho e da vida. O trabalho docente é cansativo e pouco valorizado, mas se deixarem se vencer por isso, tornará ele ainda mais exaustivo (mas não se acomodem, lutem sempre por melhores condições). Ampliando o repertório de conhecimento de recursos e estratégias didáticas, ficará mais fácil a criação autoral de propostas de práticas de ensino. Nesse sentido, recomendo que conheçam o que vem sendo realizado em outras realidades, mas também sejam inventivos. Chamo a atenção para o fato de que não há invenção sem conhecimento.

Aos que estão buscando se dedicar às pesquisas sobre o ensino das Ciências Sociais, tenho duas recomendações: a) conheçam a produção científica existente para não inventar a roda. Muitos têm pecado nesse aspecto, o que em nada contribui para o avanço da área; b) conheçam cada vez mais teorias e metodologias de

pesquisa, porque essas abrem horizontes, permitindo que as pesquisas realizadas sejam inovadoras em suas perguntas, nos procedimentos científicos adotados e nas respostas encontradas. Em se tratando de pesquisas focadas em abordagens metodológicas para o ensino da disciplina, chamo a atenção para que conheçam as escolas, as atividades docentes e o cotidiano dos estudantes. Não dá, como já disse, para trazer contribuições propositivas a partir de pesquisas limitadas ao gabinete. Usem e abusem da observação participante e não participante, das entrevistas, dos questionários e, se possível, da etnografia. Já sendo docente, não deixe de realizar experimentos e refletir sobre eles à luz do conhecimento já produzido.

Aos três chamo atenção para a necessidade de que compreendam que a docência e a pesquisa são profissões e, portanto, demandam qualificação e devem ser valorizadas. Isso implica em dois esforços: qualificação constante e luta pelo reconhecimento social, e nesse sentido, precisamos nos mobilizar coletivamente. A Abecs é um espaço promissor nessa direção. Filtre-se! Envolve-se! A universidade pública é um importante *locus* de qualificação profissional, portanto, ocupe esse espaço de forma permanente, seja para a formação inicial, seja para a formação continuada. Aos que já se distanciaram, retorne como puder. Que seja para usar seus espaços, seus serviços ou, ao menos, para gritar “isso também é meu!”.

A universidade pública é nossa!